

Posição Ideológica dos Alunos da USP: Pesquisa sobre Valores Socioeconômicos e Políticos

MIAOFANG GUAN (*)
MARISLEI NISHIJIMA (**)

1 Introdução

Ideologia de esquerda-direita, conceito que reflete um sistema de valores dos indivíduos, é um dos temas mais discutidos nas ciências sociais. Os estudantes universitários são considerados um grupo importante em uma sociedade, uma vez que compõem os prováveis futuros líderes e elite em muitas áreas. Deste modo, investigar suas posições ideológicas sobre questões socioeconômicas e políticas é importante na medida em que pode sinalizar o futuro de formação de opinião pública em seus países.

Entretanto, a literatura argumenta que as instituições de ensino superior se tornaram um reduto da ideologia de esquerda, resultado de doutrinação e discriminação ideológica (HOROWITZ, 2009; KLEIN; STERN; WESTERN, 2005). Várias pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa mostraram que as universidades em geral têm tendência à esquerda, especialmente nas áreas de Humanas e Ciências Sociais (CARDIFF; KLEIN, 2005; GROSS, 2013; LANGBERT, 2018; MARIANI; HEWITT, 2008; ZIPP;

FENWICK, 2006). Entretanto, estes mesmos autores apontam que a cultura de esquerda nas universidades é definida por vários fatores mais relacionados às diferenças fundamentais entre esquerda e direita e não deve ser atribuída meramente ao resultado de doutrinação (GROSS, 2013; SOSA, 2007).

Poucos estudos empíricos sobre investigações ideológicas junto a estudantes universitários foram realizados em países em desenvolvimento. Assim, esta pesquisa busca reduzir essa lacuna por meio de uma investigação entre os estudantes da Universidade de São Paulo (USP), a maior universidade do país em número de alunos e posicionada entre as melhores da América Latina em vários *rankings*. Os resultados do estudo apontam para uma tendência semelhante à encontrada pela literatura em países desenvolvidos: existem mais estudantes que se identificam com a esquerda do que com a direita; porém, há heterogeneidades entre as diferentes áreas de conhecimentos. Além disso, o estudo sugere que as opiniões dos alunos são mais homogêneas quando se trata de assuntos sociais, especialmente

no que se refere às questões sobre aborto e comportamento LGBT. Quando se refere às questões econômicas, embora os alunos tendam a preferir um papel do Estado mais ampliado, apresentam um maior grau de aceitação aos valores liberais do que quando comparado aos outros aspectos investigados, tais como política e segurança. Além disso, na questão política, os resultados indicam uma tendência pró-democracia e, ao mesmo tempo, certa tolerância para o regime centralizado da China.

2 Ideologia de Esquerda-Direita: Conceitos e Debates

A conotação política de esquerda e direita data da Revolução Francesa, quando figurativamente os defensores da liberdade se posicionaram ao lado esquerdo da assembleia enquanto os legalistas ficaram posicionados ao lado direito. Mais tarde, esses dois grupos, respectivamente, foram denominados liberais e conservadores. No final do século 18, a ascensão do socialismo posicionou a esquerda não socialista – o liberalismo com valor de *Laissez-faire* – à direita. Isso se consolidou na década de

1930, quando o surgimento do keynesianismo e dos estados de bem-estar reforçaram a oposição entre liberdade de mercado e intervenção estatal (TAROUÇO; MADEIRA, 2013). Desse modo, os termos contemporâneos de esquerda e direita, conforme Bobbio (1996), têm feito a diferença na visão sobre a desigualdade: enquanto a direita a concebe como um estado natural, portanto, difícil e desnecessário de erradicar, a esquerda acredita que a desigualdade foi socialmente construída e é um alvo para uma mudança social progressiva. No mundo político moderno, os debates entre esquerda e direita ancorados em torno da desigualdade se refletem na divisão entre Estado e mercado. Mais especificamente, entre aqueles que defendem a igualdade social por meio de um papel governamental em termos de nacionalização, redistribuição, e de política de bem-estar e aqueles que são favoráveis à manutenção de incentivos ao esforço individual por meio da liberalização do mercado, estímulo à competição, à manutenção de baixos impostos e pequeno papel do Estado (NOEL; THERIEN, 2008).

A ascensão do pós-materialismo desde meados do século XX expandiu a atenção das pessoas sobre as questões econômicas para o sistema normativo, articulado na forma de movimentos sociais por mulheres, comunidades étnicas, minorias sexuais e outros grupos sociais que passaram a exigir reco-

nhecimento, respeito e igualdade (BOBBIO, 1996; NOEL; THERIEN, 2008). Nessas circunstâncias, os indivíduos com ideologias mais à esquerda, geralmente autoidentificados como defensores dos vulneráveis, são os mais propensos a adotar políticas de inclusão social, tais como o sistema de cotas, e a apoiar políticas liberais, como por exemplo, casamento entre pessoas do mesmo sexo e aborto. Já os indivíduos localizados mais ideologicamente à direita, em defesa da ordem social e dos valores tradicionais (às vezes religiosos), geralmente demonstram maior rigidez contra criminosos, beneficiários da previdência, imigrantes ilegais e minorias sexuais (BOBBIO, 1996; MARQUES, 2019; NOEL; THERIEN, 2008).

Atualmente muitos pesquisadores acreditam que o rótulo esquerda-direita opera como um atalho informativo, uma vez que fornece aos indivíduos uma orientação para entender os termos políticos e socioeconômicos, e ao mesmo tempo oferece aos políticos um meio de comunicação com o eleitorado (FREIRE; KIVISTIK, 2013; FUCHS; KLINGEMANN, 1990). No Brasil, entretanto, ainda persistem o clientelismo e o personalismo político (LUCAS; SAMUELS, 2010; TELLES; STORNI, 2011). Alguns pesquisadores argumentam que falta uma identificação coerente e sólida da ideologia esquerda-direita entre o público brasileiro (AMES; SMITH, 2010; HOLZHACKER; BAL-

BACHEVSKY, 2007; MACIEL; ALARCON; GIMENES, 2018). Outros, entretanto, acreditam que os brasileiros possuem um conhecimento abstrato suficiente do significado esquerda-direita que lhes permite um adequado posicionamento na escala ideológica, o qual, mesmo que não estruturado, reflete seu sistema de crenças (CARREIRÃO, 2002; SINGER, 1999). Entretanto, a literatura aponta que brasileiros mais educados demonstram não só melhor habilidade da autoidentificação no espectro de esquerda e direita, mas também uma melhor compreensão dos termos (CARREIRÃO, 2002; FREIRE; KIVISTIK, 2013; FUCHS; KLINGEMANN, 1990; OLIVEIRA; TURGEON, 2015).

3 Ideologia na Universidade: Ausência de Diversidade?

Desde que o candidato de extrema direita, Jair Bolsonaro, foi eleito para a presidência em 2018, apresentou um histórico constante de críticas às universidades brasileiras sob a alegação de que estas foram tomadas pela ideologia de esquerda. De acordo com seus discursos, as universidades são “redutos de esquerdistas”¹ e os alunos em ambiente acadêmico estão sendo “massacrados pela ideologia de esquerda”²

Deve-se notar, entretanto, que as discussões sobre as universidades serem super-representadas pela esquerda não constitui um fenôme-

no local; ocorre também em outras regiões do mundo como na Europa e na América do Norte, onde muitos estudos foram realizados para investigar inclusive a posição ideológica dos professores da universidade (KLEIN; STERN; WESTERN, 2005; MARIANI; HEWITT, 2008; WERFHORST, 2020). Klein *et al.* (2005) estudaram a diversidade política de seis disciplinas na grande área de Humanas e de Ciências Sociais nos Estados Unidos usando informações referentes ao ano de 2003. Seus resultados apontam para uma maioria esmagadora e monolítica de professores que apoia o Partido Democrata, enquanto os apoiadores dos Republicanos, conservadores e libertários constituem uma minoria marginalizada. Os resultados também mostram que mesmo em disciplina menos desequilibrada – Economia – a proporção de democratas e republicanos é de 3: 1, e na disciplina mais desproporcional – Antropologia – a proporção é de 30: 1. Esses pesquisadores acreditam que o fenômeno seja preocupante porque representa uma falta de diversidade política nas universidades.

No entanto, o estudo de Klein *et al.* (2005) possui limitações por conta de sua amostra, pois informações restritas às áreas de Humanas e Ciências Sociais não permitem generalizar o resultado sobre ideologia para as universidades em geral. Isso porque existe um consenso de que estas áreas são mais localizadas à esquerda.

Estudos sobre estudantes de universidades dos Estados Unidos que incluíram uma gama mais ampla de disciplinas mostram que existem divergências entre as diferentes áreas do conhecimento e, curiosamente, embora as amostras e métodos de análise usados por diferentes estudiosos não fossem os mesmos, todos eles mostram um padrão muito semelhante em termos de proporção esquerda-direita em diferentes disciplinas, o que sugere robustez nos resultados obtidos. Em geral, os professores universitários tendem a ser mais à esquerda do que à direita, porém os das disciplinas que se dedicam aos conhecimentos aplicados são mais viesados à direita, como Economia, Ciência da Computação e Engenharia. Já os professores das disciplinas que possuem conhecimentos abstratos são inclinados à esquerda, como Antropologia, Sociologia, Ciências Exatas, Meio Ambiente e Biologia (CARDIFF; KLEIN, 2005; GROSS, 2013; LANGBERT, 2018; MARIANI; HEWITT, 2008; ZIPP; FENWICK, 2006). Na Europa, de acordo com Werfhorst (2020), os professores formados em Ciências Humanas são mais à esquerda e liberais na maioria dos indicadores, mas esse não é o caso para os formadores das Ciências Sociais.

Alguns pesquisadores temem que o desequilíbrio ideológico possa discriminar alunos e professores conservadores no ambiente acadêmico (KLEIN; STERN; WESTERN, 2005;

MARIANI; HEWITT, 2008); alguns chegam a chamar a universidade de um lugar de “doutrinação” (HOROWITZ, 2009), onde a esquerda espalhou propagandas ideológicas para os estudantes. No entanto, esses críticos foram considerados infundados (WERFHORST, 2020).

Existem várias discussões sobre por que os professores nas universidades se localizam no espectro mais esquerdo da ideologia, especialmente nas ciências humanas e sociais. Muitos pesquisadores acreditam que a diferença fundamental dos valores esquerda-direita condiciona as escolhas dos alunos sobre suas carreiras. Uma das hipóteses mais adotadas é a da autosseleção. Sosa (2007) sugere que, em relação a suas contrapartes liberais, os conservadores são simultaneamente mais voltados para a família, menos interessados em escrever obras originais, mais focados no sucesso financeiro, menos interessados em desenvolver uma filosofia de vida significativa e menos interessados em gerar uma contribuição teórica para a ciência. Gross (2013) propõe uma hipótese diferente sobre a ligação entre a escolha da carreira e personalidade, a de que as pessoas de esquerda são conhecidas por serem mais abertas a novas experiências, terem maior tolerância à incerteza e maior interesse por ideias abstratas. Isso, segundo o autor, explica a maior prevalência dos professores de esquerda na academia, bem como a maior concentração deles

em disciplinas não aplicadas que exigem pensamento mais abstrato.

Notadamente, muitos estudos indicam que a orientação política dos professores em nível institucional não influencia significativamente a dos alunos (MARIANI; HEWITT, 2008; WERFHORST, 2020; ZIPP; FENWICK, 2006).

4 Métodos

Para investigar a posição ideológica, os valores socioeconômicos e políticos dos alunos da USP, foi realizada uma pesquisa online durante os meses de março, abril e setembro de 2020. A estratégia de amostragem utilizada foi *snowball* (bola de neve), em que foram enviados os links do questionário para grupos de alunos das redes sociais (Facebook, WhatsApp etc.) e por e-mails enviados para as secretarias das unidades e para professores. Nesse sentido, deve-se observar que a amostra não é representativa da população da USP.

Além das informações demográficas, a pesquisa explorou questões sociais e políticas, incluindo o papel do governo na economia, igualdade, ordem social, inclusão social de imigrantes, escolha liberal, apoio à democracia e opiniões sobre políticas da China e Covid-19. Com base em uma escala adaptada do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), as questões foram formuladas com dois pontos de vista com valência esquerda / direita, de modo que os respondentes foram solicitados a escolher entre uma escala de 0 a 10 de acordo com o grau de concordância em cada lado da afirmação. Para as questões sobre a China e Covid-19 foi usada uma escala de 7 pontos (1-7). Além disso, uma escala de autoidentificação ideológica variando de 0 (muito esquerda) a 10 (muito direita) também foi aplicada. Considerando que perguntas fechadas podem limitar a expressão de opiniões sobre os assuntos, também foi oferecido um espaço para livre escrita.

O questionário teve duração de cinco semanas, gerando 922 respostas. Foram descartadas as respostas de alunos estrangeiros, resultando uma amostra de 908 alunos (N = 908) de 27 unidades da USP. A FFLCH compõe a maior parte da amostra, seguida por EACH e IRI. Além disso, há maior número de homens (N = 492) do que mulheres (N = 416), mais alunos da graduação (N = 702) do que da pós-graduação (N = 206), com idade variando de 17 a 62 anos (Média = 24,6, Desvio Padrão = 7,4) e a maioria residente no Estado de São Paulo (N = 785).

Tabela 1 - Caracterização da Amostra

Gênero	Unidade	Nível de educação	Idade
Masculino 54.2%	FFLCH 33.9%	Graduação 77.3%	< 20 34.9%
	EACH 15.2%		20-30 48.0%
	IRI 13.2%		30-40 12.6%
	FD 8.3%		
Feminino 45.8%	Poli 6.1%	Pós-Graduação 22.7%	40-50 3.0%
	FEA 5.8%		50-60 1.4%
	FM 5.7%		> =60 0.1%
	Outros 6.27%		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

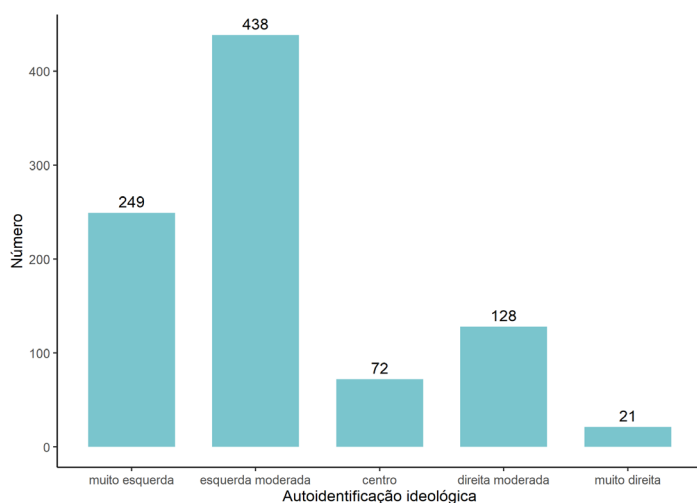
Os dados do questionário foram analisados com abordagens quantitativas e qualitativas. Para facilitar a interpretação, dividimos a escala de 11 pontos e 7 pontos em cinco categorias ordinais: na escala de autoidentificação ideológica, temos cinco categorias muito à esquerda (0-1); esquerda moderada (2-4); centro (5); direita moderada (6-8); muito à direita (9-10). Em perguntas múltiplas sobre valores socioeconômicos, temos cinco categorias de respostas em termos de preferência: muito desfavorável (0-1); desfavorável (2-4); neutro (5); favorável (6-8); muito favorável (9-10). Em perguntas sobre valor político, temos cinco categorias de respostas em termos de opinião, incluindo a questão sobre democracia e política externa: discorda totalmente (0-1/1); discorda (2-4/2-3); neutro (5/4); concorda (6-8/5-6); concorda totalmente (9-10/7). Os comentários dos alunos sobre o tema também foram classificados e citados em cada sessão.

5 Resultados

5.1 Autoidentificação Ideológica

A Figura 1, na escala de autoidentificação ideológica, mostra que a maioria dos alunos da USP em nossa amostra possui orientação política inclinada para a esquerda, quando o maior número dos alunos se identifica com a esquerda moderada e o menor número com muito à direita.

Figura 1 - Distribuição de Autoidentificação Ideológica



Nota: Número = o número de respondentes

Fonte: elaborado pelas autoras.

Para comparar a posição ideológica entre alunos de cursos diferentes, categorizamos em cinco grandes áreas de conhecimento baseadas nos critérios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A Tabela 2 e o Gráfico 2 mostram que na maioria das áreas de conhecimento, há mais alunos de esquerda do que de direita, exceto em Engenharia, cujo posicionamento é mais igualmente distribuído e ligeiramente enviesado para a direita. Nas Ciências Humanas e Artes os alunos são predominantemente agrupados no lado esquerdo da escala (muito à esquerda), sendo a única área sem nenhuma identificação com a categoria muito à direita. Conside-

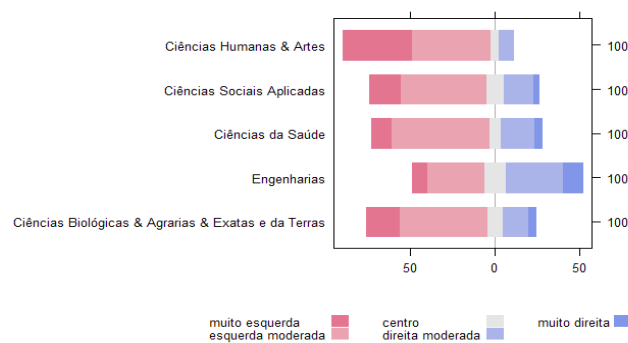
rando que essa área possui o maior tamanho amostral (N = 441), tal resultado é bastante expressivo. Estes alunos são menos inclinados a se categorizarem como centro/neutro.

Tabela 2 – Autoidentificação Ideológica conforme a área de conhecimentos (%)

Área de conhecimentos	N	Muito à esquerda	Esquerda moderada	Centro	Direita moderada	Muito à direita
Ciências Humanas & Artes	441	39.9	46.7	5.4	7.9	0.0
Ciências Sociais Aplicadas	273	17.9	50.5	10.6	17.6	3.3
Ciências da Saúde	80	11.2	57.5	7.5	20.0	3.8
Engenharias	62	8.1	33.9	12.9	33.9	11.3
Ciências Biológ. & Agrárias & Exatas e da Terra	52	19.2	51.9	9.6	15.4	3.8

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 2 - Autoidentificação Ideológica pela Área de Conhecimentos



Fonte: Elaborado pelas autoras.

5.2 Valores Socioeconômicos e Políticos

Considerando que a escala esquerda-direita tem sido questionada pelos pesquisadores por sua validade em medir a orientação política dos indivíduos, ou por ser suficiente para mapear os valores ideológicos deles (BAUER *et al.*, 2017; FUCHS; KLINGEMANN, 1990;

ZUELL; SCHOLZ, 2016), também foram investigados os valores socioeconômicos e políticos dos alunos da USP.

5.2.1. Assuntos Econômicos

Conforme a Figura 3, as opiniões dos alunos sobre questões econômicas são mais homogêneas no que se refere à igualdade social: 85% dos alunos da USP acreditam que a desigualdade de renda deve ser reduzida, enquanto 12% a consideram como um incentivo para esforço individual; 81% deles acreditam que as cotas são capazes de corrigir erro histórico e proporcionar a possibilidade de ingresso de minorias ao ensino superior, em oposição aos 15% que acreditam que o ingresso nas universidades deve obedecer ao desempenho dos estudos e não ser guiado pelas cotas. No que se refere à divisão entre governo e mercado, as respostas dos alunos ficam mais diversificadas do que no tema de igualdade social. Na questão sobre globalização, 61% dos alunos preferem ter certa proteção na indústria nacional, e 27% acreditam que protecionismo impede o crescimento econômico; na questão sobre o desenvolvimento da economia nacional, 56% demonstram uma preferência ao papel ativo do governo, enquanto 30% preferem iniciativa privada. Estes resultados, mesmo que ainda mostrem uma tendência de valores de esquerda (ênfasis o poder estatal), há maior variância nas respostas dos alunos, que pode

ser verificada pela maior percentagem das escolhas opostas e respostas neutras quando comparadas com as respostas das questões sobre igualdade social.

5.2.2. Assuntos Sociais

Em geral, as opiniões dos alunos sobre assuntos sociais são mais homogêneas (veja Figura 4). A grande maioria dos alunos demonstra seus valores liberais em questões sociais: 88% concordam que a Parada do Orgulho LGBT representa ganhos para a sociedade, e somente 6% acham que isso traz riscos para a sociedade. Da mesma forma, 86% dos alunos são favoráveis à legalização do aborto, em oposição a 10% que discordam dessa ideia por respeito à vida. No tema sobre segurança pública, 81% dos respondentes são a favor de controle de armas, enquanto 15% acham que possuir uma arma legalizada deveria ser um direito do cidadão para se defender; 79% acreditam que adolescentes que cometem crimes devem ser reeducados ao invés de ser punidos como adultos (15%). Na questão sobre imigração, as respostas são mais diversificadas comparadas com as demais: 68% são a favor de que o governo considere a situação social dos imigrantes da mesma maneira que os residentes do país, enquanto 26% acreditam que o governo deve priorizar a situação social dos seus povos.

Figura 3 - Opiniões Sobre Assuntos Econômicos

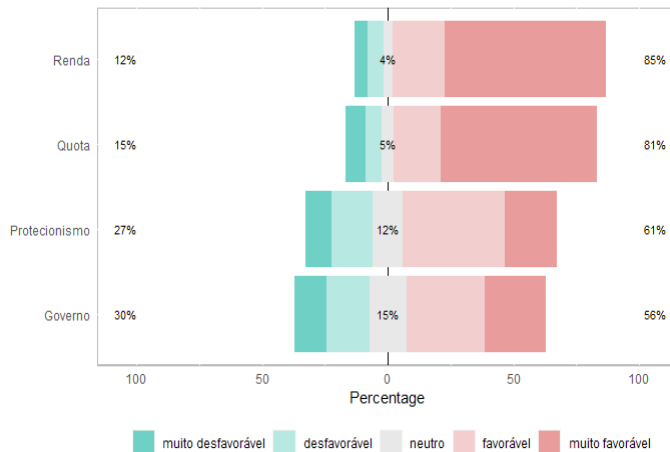
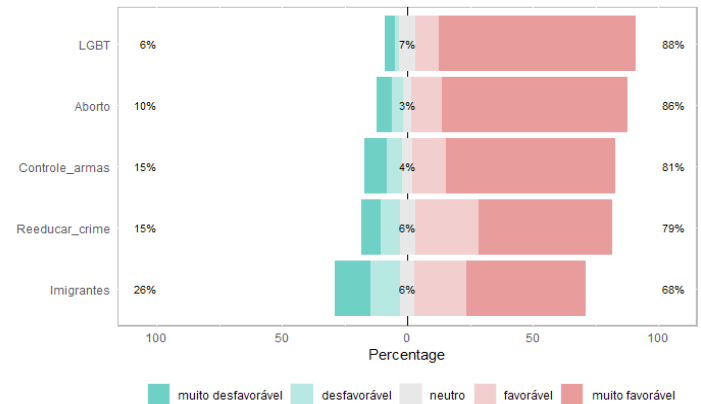


Figura 4 - Opiniões sobre Assuntos Sociais



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

5.2.3. Assuntos Políticos

Além dos assuntos econômicos e sociais, também foram investigadas as opiniões dos alunos sobre democracia. Em um item em que há duas declarações antitéticas “em algumas situações é melhor uma ditadura do que uma democracia” e “a democracia tem alguns problemas, mas é sempre melhor do que qualquer outra forma de governo”, a grande maioria dos respondentes (91%) escolheu um apoio incondicionalmente à democracia, enquanto somente 5% dos respondentes disseram acreditar que a democracia não é um regime ideal em alguns casos. As opiniões dos alunos sobre a democracia são as mais homogêneas entre todos os assuntos investigados pela pesquisa. Porém, ainda assim existem divergências sobre o tema. Nos comentários dos alunos, alguns expressaram suas atitudes favoráveis

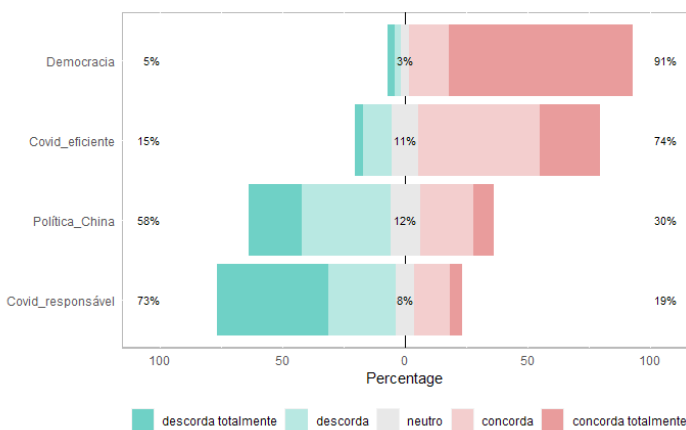
à ditadura do proletariado, alguns questionaram os conceitos da democracia e da ditadura, indicando sua preferência por uma ditadura em função da maior igualdade social que poderia gerar diante dessa falha da democracia.

Para aprofundar o estudo sobre as opiniões dos alunos no que se refere à democracia, e também em seus valores políticos nos assuntos exteriores, escolhemos a China como um estudo de caso para investigar suas atitudes sobre o regime político desse país e sobre a questão da Covid-19. Após o início da pandemia, as pessoas têm discutido sobre as diferentes estratégias adotadas pelos países no combate ao vírus. A China, local onde a Covid-19 foi encontrada pela primeira vez, teve uma resposta eficaz para conter a propagação do vírus, apesar do período inicial em que as informações foram acobertadas pelas autoridades (STASAVAGE, 2020). As medidas rigorosas adotadas pelo governo chinês – que incluíram *lockdown* em grande escala, rastreamento por vigilância eletrônica e quarentena imposta – são consideradas mais aplicáveis em uma autocracia, na qual as políticas podem ser implementadas sem potenciais preocupações de direitos humanos ou liberdades civis (KUPFERSCHMIDT; COHEN, 2020; STASAVAGE, 2020). Em comparação, a descentralização do poder nas democracias tornou difícil para os governos desses países conter o vírus de maneira mais rápida e eficiente (STASAVAGE, 2020).

Como mostra a Figura 5, no item Política-China, mais da metade (58%) dos respondentes discordou da afirmação “o sistema político centralizado chinês é uma ameaça ao sistema democrático mundial”, apesar de 30% concordar. Nas

questões sobre Covid-19, a maioria dos alunos (74%) concorda que “a China tem atuado de maneira eficiente com o problema da Covid-19”; também a maioria dos alunos discorda de que “o governo chinês é responsável pela pandemia global da Covid-19 (73%)”. Nota-se que, entre os respondentes que discordam da culpabilidade do governo chinês sobre a pandemia, mais da metade escolheu “discorda totalmente”, mostrando uma atitude mais assertiva sobre esta questão.

Figura 5 - Opiniões Sobre Assuntos Políticos



Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Quadro 1 reporta algumas visões dos alunos sobre a China e Covid-19. Muitos alunos acreditam que não se deve culpar a China pela pandemia, mas apontam que esta poderia ter sido evitada. Alguns alunos admitem que a China tem atuado de maneira eficiente para conter o vírus e que esse sucesso se deve ao seu regime autoritário. Há um aluno que pode ser ilustrativo dos que concordaram com a afirmação “em algumas situações é melhor uma ditadura do que uma democracia”. No entanto, um número bem maior critica a China por falta de transparência na divulgação de informação, falta de regulação no mercado de animais silvestres e por negligência no aviso por parte da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Quadro 1 - Comentários Sobre a China e Covid-19

Tema	Citações Diretas
China e Covid-19	“Em uma análise racional, a China tem uma responsabilidade que é o delay da comunicação do problema para a OMS em caso de epidemia.” (FEA)
	“Quando digo que a China tem culpa, me refiro ao governo (Partido Comunista), que lidou de forma autoritária com a crise, principalmente no início.” (FD)
	No quesito da culpabilidade do governo chinês sobre a Covid-19, reafirmo minha opinião baseado na não proibição do mercado de animais silvestres, como o que é apontado como marco zero para a transmissão em Wuhan, que é apontado há anos por cientistas da comunidade internacional como uma "bomba-relógio" para novas doenças. Digo isso para fugir da ideia difundida por fake news de que a China criou o vírus por engenharia genética.(FD)
	Na questão DS (democracia) a resposta foi em função da maior igualdade social que há em Cuba e da eficiente contenção da Covid-19 na China. (FFLCH).
	Apesar de ter uma boa reação contra a disseminação do vírus em seu próprio país, a China também não abordou o tema com tanta seriedade no nível internacional, e tentou silenciar aqueles que já vinham trazendo este alerta desde o início de janeiro por controle de imprensa, e por influência em entidades externas, priorizando a economia à saúde, tal qual o nosso presidente, porém, por terem astúcia e não a ausência dela. A China deixou que isso saísse de controle para chegar a nível internacional não de uma maneira premeditada, como dizem alguns de chapéu de alumínio por aí, mas por negligência. A diferença é que ela tem muito mais poder autocrático para impor as medidas de contenção em sua própria população do que em qualquer país democrático, logo, suas ações efetivas conseguiram controlar o avanço desenfreado no próprio país, mas ainda assim colocaram o mundo em risco. (EACH)
	A China conseguiu lidar bem com a Covid-19 justamente por ser uma ditadura, onde direitos de primeira geração são facilmente retirados. Não me parece que haja espaço para violações das regras estatais, processos judiciais questionadores, basta ver a repressão aos protestos de Hong Kong. (FFLCH)
	Não tem como afirmar ou não que "a China tem atuado de maneira eficiente contra os problemas da COVID-19" porque é um país com um governo zero transparente em termos de dados e fatos, ou seja, não há como saber nem se fôssemos cidadãos chineses médios. (FEA)

6 Discussão

No que se refere à posição ideológica, os resultados da pesquisa mostram um padrão parecido aos estudos realizados em países anglo-saxões. Isto é, há uma tendência de identificação dos alunos da USP com a esquerda. Contudo, a afirmação de que as universidades brasileiras estão sendo “massacradas por ideologia de esquerda”³ se mostra infundada. Primeiro, porque existem diferenças claras entre os alunos nas diferentes áreas de conhecimento em relação à posição ideológica. As mais visíveis são as diferenças entre as áreas de Ciências Humanas e Artes e de Engenharia. Enquanto a primeira é proeminentemente inclinada para a esquerda, a última é mais uniformemente distribuída em relação à posição esquerda-direita, pendendo um pouco mais para a direita, além de apresentar a maior proporção de extrema direita entre todas as áreas do conhecimento. Segundo, porque essas diferenças encontram padrão semelhante aos estudos realizados em países desenvolvidos. Roberto Moll⁴ discute essa diferença sobre ideologia nas universidades brasileiras e argumenta que nas áreas de engenharia, tecnologia e biomédicas ocorrem poucas aulas ou pesquisas baseadas em projeto de esquerda, anticapitalista ou reformista. Ao contrário, esses cursos formam profissionais para girar a roda do capitalismo, buscando maior eficiência, materializada no lucro

e sem questionamentos. Por isso, essas disciplinas se adaptam a uma forma pragmatista. Em contraposição, o autor sustenta que docentes e discentes de áreas intrinsecamente voltadas para análise da realidade e, conseqüentemente, da lógica capitalista (área Humanas) estão mais afeitos ao debate e à reflexão crítica.

Nas escalas dos valores econômicos, os alunos mostram opiniões diversas, apesar de se localizarem na ideologia de esquerda em grande percentual (preferem o papel ativo do Estado ao invés de mercado livre). Nesse sentido, há uma tendência mais liberal comparada com os outros itens da pesquisa. Quando se trata de igualdade social, entretanto, as opiniões dos alunos ficam mais parecidas: a maioria acredita que igualdade de resultados é menos importante do que igualdade de oportunidades (a favor da cota, redistribuição). Assim como na questão social, os alunos mostram seus valores liberais em questão sobre comunidade LGBT e aborto.

Finalmente, de acordo com a amostra do estudo, os alunos apoiam fortemente a democracia independentemente do espectro ideológico autoidentificado. Curiosamente, entretanto, quando questionados sobre o desempenho da China durante a pandemia, suas respostas se concentram em avaliar que tenha sido mais eficiente do que a de muitos países democrá-

ticos. Esta resposta parece indicar que os alunos tendem a mostrar tolerância com valores que não apreciam, a autocracia, no sentido de reconhecer possíveis aspectos benéficos associados ao regime. Esse resultado sugere que os alunos têm uma visão mais flexível e pragmática em relação à democracia e à autocracia no que diz respeito às suas realidades.

Referências

- AMES, Barry; SMITH, Amy Erica. Knowing left from right: ideological identification in Brazil, 2002-2006. *Journal of Politics in Latin America*, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 3-38, 2010.
- BAUER, Paul C.; BARBERÁ, Pablo; ACKERMANN, Kathrin; VENETZ, Aaron. Is the left-right scale a valid measure of ideology?: Individual-level variation in associations with “left” and “right” and left-right self-placement. *Political Behavior*, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 553-583, 2017. DOI: 10.1007/s11109-016-9368-2.
- BOBBIO, Norberto. **Left and right: the significance of a political distinction**. [s.l.]: The University of Chicago Press, 1996.
- CARDIFF, Christopher F.; KLEIN, Daniel B. Faculty partisan affiliations in all disciplines: a voter-registration study. *Critical Review*, [s. l.], v. 17, n. 3-4, p. 237-255, 2005. DOI: 10.1080/08913810508443639.
- CARREIRÃO, Yan de Souza. Identificação ideológica e voto para presidente. *Opinião Pública*, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 54-79, 2002. DOI: 10.1590/s0104-62762002000100004.
- FREIRE, André; KIVISTIK, Kats. Mapping and explaining the use of the left-right divide. *Brazilian Political Science Review*, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 61-89, 2013. DOI: 10.1590/s1981-38212013000300003.
- FUCHS, Dieter; KLINGEMANN, Hans-Dieter. The left-right schema. In: JENNINGS, M.

- Kent; VAN DETH, Jan W. (org.). **Continuities in political action: a longitudinal study of political orientations in three western democracies**. Berlin: De Gruyter, 1990. p. 203-234.
- GROSS, Neil. **Why are professors liberal and why do conservatives care?** [s.l.]: Harvard University Press, 2013.
- HOLZHACKER, Denilde Oliveira; BALBACHEVSKY, Elizabeth. Classe ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 e 2006. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 283-306, 2007. DOI: 10.1590/s0104-62762007000200003.
- HOROWITZ, D. **Indoctrination U: the left's war against academic freedom**. [s.l.: s.n.], 2009.
- KLEIN, Daniel B.; STERN, Carlotta; WESTERN, Andrew. Political diversity in six disciplines. **Academic Questions**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 40-52, 2005. DOI: 10.1007/s12129-004-1031-4.
- KUPFERSCHMIDT, Kai; COHEN, Jon. Can China's COVID-19 strategy work elsewhere? **Science**, [s. l.], v. 367, n. 6482, p. 1061-1062, 2020. DOI: 10.1126/science.367.6482.1061. Disponível em: <https://www.sciencemag.org/lookup/doi/10.1126/science.367.6482.1061>.
- LANGBERT, Mitchell. Homogenous: the political affiliations of elite liberal arts college faculty. **Academic Questions**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 186-197, 2018. DOI: 10.1007/s12129-018-9700-x.
- LUCAS, Kevin; SAMUELS, David. The ideological "coherence" of the Brazilian party system, 1990-2009. **Journal of Politics in Latin America**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 39-69, 2010. DOI: 10.1177/1866802X1000200302. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1866802X1000200302>.
- MACIEL, Ana Paula Brito; ALARCON, Anderson de Oliveira; GIMENES, Éder Rodrigo. Partidos políticos e espectro ideológico: parlamentares, especialistas, esquerda e direita no Brasil. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [s. l.], v. 8, n. 3, p. 72-88, 2018. DOI: 10.5380/recp.v8i3.54834. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/politica/article/view/54834>.
- MARIANI, MacK D.; HEWITT, Gordon J. Indoctrination U.? Faculty ideology and changes in student political orientation. **PS: Political Science & Politics**, [s. l.], v. 41, n. 04, p. 773-783, 2008. DOI: 10.1017/S1049096508081031. Disponível em: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S1049096508081031.
- MARQUES, Rosa Maria. Brasil: direita, volver! **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, [s. l.], v. 52, p. 10-38, 2019.
- NOEL, Alain; THERIEN, Jean-Philippe. **Left and right in global politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. DOI: 10.1017/CBO9780511790751. Disponível em: <http://ebooks.cambridge.org/ref/id/CBO9780511790751>.
- OLIVEIRA, Carlos; TURGEON, Mathieu. Ideologia e comportamento político no eleitorado brasileiro. **Opinião Pública**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 574-600, 2015. DOI: 10.1590/1807-01912015213574.
- SINGER, André. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994**. [s.l.]: Edusp, 1999.
- SOSA, Andrea. Left pipeline: why conservatives don't get doctorates. In: MARANTO, R.; REDDING, R. E.; HESS, F. M. (org.). **The politically correct university: problems, scope and reforms**. DC: The AEI Press, 2007. v. 12. p. 245. Disponível em: [http://digilib.unila.ac.id/4949/15/BAB II.pdf](http://digilib.unila.ac.id/4949/15/BAB%20II.pdf).
- STASAVAGE, David. Democracy, autocracy, and emergency threats: lessons for COVID-19 from the last thousand years. **International Organization**, [s. l.], p. 1-17, 2020. DOI: 10.1017/S0020818320000338. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0020818320000338/type/journal_article.
- TAROUCO, Gabriela; MADEIRA, Rafael Machado. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. **Revista de Sociologia e Política**, [s. l.], v. 21, n. 45, p. 149-165, 2013. DOI: 10.1590/S0104-44782013000100011.
- TELLES, Helcimara de Souza; STORNI, Tiago Prata Lopes. Ideologia e valores: o voto dos eleitores de direita e de esquerda. **Revista Latinoamericana de Opinión Pública**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 87-146, 2011.
- WERFHORST, Herman G. Are universities left-wing bastions? The political orientation of professors, professionals, and managers in Europe. **The British Journal of Sociology**, [s. l.], v. 71, n. 1, p. 47-73, 2020. DOI: 10.1111/1468-4446.12716. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-4446.12716>.
- ZIPP, John F.; FENWICK, Rudy. Is the academy a liberal hegemony? The political orientations and educational values of professors. **Public Opinion Quarterly**, [s. l.], v. 70, n. 3, p. 304-326, 2006. DOI: 10.1093/poq/nfj009.
- ZUELL, Cornelia; SCHOLZ, Evi. 10 points versus 11 points? Effects of left-right scale design in a cross-national perspective. **Ceeol.Com**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 3-16, 2016. Disponível em: www.askresearch-andmethods.org.

Apêndice

Quadro 2 - Classificação das Áreas de Conhecimento

Área de Conhecimento	Unidade de Ensino e Pesquisa	Sigla
Ciências Sociais Aplicadas	Escola de Artes, Ciências e Humanidades	EACH
	Faculdade de Direito	FD
	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	FAU
	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade	FEA
	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto	FEARP
Ciências Humanas & Artes	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	FFLCH
	Instituto de Relações Internacionais	IRI
	Instituto de Psicologia	IP
	Faculdade de Educação	FE
	Instituto de Estudos Brasileiros	IEB
Engenharias	Escola Politécnica	Poli
	Instituto de Ciências Biomédicas	ICB
	Escola de Engenharia de São Carlos	EESC
Ciências da Saúde	Faculdade de Medicina	FM
	Faculdade de Odontologia	FO
	Escola de Educação Física e Esporte	EEFE
	Faculdade de Saúde Pública	FSP
Ciências Biológicas & Agrárias & Exatas e da Terra	Faculdade de Ciências Farmacêuticas	FCF
	Instituto de Biociências	IB
	Instituto de Energia e Ambiente	IEE
	Instituto de Matemática e Estatística	IME
	Instituto de Física	IF
	Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas	IAG
	Instituto de Geociências	IGc
	Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação	ICMC
Instituto de Química	IQ	

Nota: Categorização baseada em critério do CNPq, ajustada pelo número de participantes.

-
- 1 <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/esquerda-direita-bolsonaro-reitores-universidades-federais/>
 - 2 https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/03/11/interna_politica,742130/ambiente-academico-tem-sido-massacrado-por-ideologia-de-esquerda.shtml
 - 3 https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/03/11/interna_politica,742130/ambiente-academico-tem-sido-massacrado-por-ideologia-de-esquerda.shtml
 - 4 <https://blogdaboitempo.com.br/2019/05/13/a-universidade-nao-e-um-espaco-dos-esquerdistas/>

() Doutoranda de Relações Internacionais no IRI-USP.*

(E-mail: miaofang@usp.br).

*(**) Professora Associada do IRI-USP.*

(E-mail: marislei@usp.br).